

# Estela-menir da Herdade do Barrocal (Reguengos de Monsaraz, Évora): resultados dos trabalhos de 1995

MÁRIO VARELA GOMES\*

## R E S U M O

Identificada em 1993, a estela-menir da Herdade do Barrocal constitui o mais alto monólito do seu tipo erguido pelo Homem pré-histórico no Ocidente peninsular. Ela ocupa o centro de plataforma artificialmente aplanada, delimitada por restos de recinto com planta de forma ovóide, cujo eixo maior se encontra orientado no sentido noroeste-sudeste. Sondagem por nós efectuada, junto à extremidade proximal do monólito, conduziu à identificação de restos da sua estrutura de sustentação. Na face então exposta deste monumento, reconheceram-se 78 figuras gravadas, que a análise estratigráfica, das técnicas de execução, dos graus de desgaste e alguns paralelos permitiram integrar em cinco grandes períodos de execução. A superfície referida constitui, pois, espécie de palimpsesto onde se detectaram repertórios iconográficos que podem ascender aos finais do Neolítico Antigo (V milénio a.C.), quando o monumento foi erecto, e alcançarem a Idade do Bronze (II milénio a.C.), executados depois de o monólito ter sido derrubado, durante o Calcolítico. Importa sublinhar a presença de grandes linhas onduladas, pertencentes à fase mais recuada da decoração, a representação de “báculo” e de dois possíveis idoliformes, atribuídos ao Neolítico Médio, de banda de ziguezagues, tardo-neolíticos ou calcolíticos e de círculos simples, concêntricos, tal como contendo ponto ou covinha no seu interior, da Idade do Bronze.

## A B S T R A C T

Identified back in 1993, the Herdade do Barrocal's stela-menhir, is the highest standing stone of its kind arisen in Western Iberia by prehistoric man. It occupies the centre of an artificially flatted platform, limited by remains of an oval shaped enclosure with, according to its longer axis, a northwestern-southeastern orientation. Archaeological digging, near the monolith base, led to the identification of its supporting structure remains. In the exhibit face, 78 engraved figures were identified. The stratigraphical analysis, the applied engraving techniques, the observed erosion degrees and some parallels, permitted to integrate those images in five main periods. The aforementioned surface forms a kind of palimpsest where iconographical sets can be dated from the Late Early Neolithic (5th millennium BC), when the monolith was erected, to the Bronze Age (2nd millennium BC), when it was already on the ground, thrown down during the Chalcolithic. The presence

of big wavy lines, from the decoration earliest stage, the Middle Neolithic representation of a crosier and two idol shaped figures, the Late Neolithic or Chalcolithic zig-zag bands, and the Bronze Age simple or concentric circles, dot-and-circle or cup-and-ring-marks, are important to retain.

## 1. Descoberta, objectivos e meios

O menir da Herdade do Barrocal foi identificado por Francisco Serpa, em 1993, no âmbito do Levantamento Patrimonial do Concelho de Reguengos de Monsaraz, efectuado sob a direcção do Prof. Doutor Arqt.º João Rosado Correia e do signatário, tendo em vista a elaboração do Plano Director Municipal daquele município e da Carta Patrimonial do mesmo. Naqueles projectos colaborou, ainda, o Arqt.º Rui Maneira Cunha (Fig. 1).

A intervenção arqueológica, cujos resultados se apresentam, tiveram como principais objectivos tentar detectar e estudar os restos da estrutura de sustentação do monumento que, porventura, se conservassem, de modo a determinarmos se estaria tombado *in loco*, assim como registar e interpretar as gravuras que decoravam, pelo menos, a sua face então exposta.

Tais propósitos tinham, ainda, em vista a classificação oficial do monólito e a sua ulterior erecção, acções que reputávamos como absolutamente necessárias à sua conservação. Por fim, desejávamos, também, investigar a possível existência dos restos de enorme recinto, envolvendo a zona em cujo centro o menir se encontrava e que integrava rocha com covinhas e estrutura menor, do tipo “fundo de cabana”.

Os trabalhos de campo decorreram durante duas semanas do mês de Julho e em uma de Setembro, de 1995. Eles foram superiormente autorizados pelo IPPAR, conforme despacho de 21.07.95, e integraram o Projecto de Investigação, por nós desenvolvido, subordinado ao tema “Menires de Portugal”. Relatório, das acções efectuadas e das principais conclusões alcançadas, foi enviado à instituição de tutela mencionada, correspondendo, com alterações pontuais, ao texto agora publicado.

As campanhas no terreno contaram com o apoio logístico da Fundação Convento da Orada e nelas participaram os arquitectos, então nossos alunos no Curso de Mestrado em Reabilitação da Arquitectura e Núcleos Urbanos, da Faculdade de Arquitectura de Lisboa (UTL), Helena Ribeiro, João Cassiano Santos, Maria João Meireles, Nuno Freitas Lopes e Vítor Mah, responsáveis por parte dos levantamentos agora apresentados e a quem todos devemos o maior empenho nas tarefas que lhes foram confiadas.

O registo da decoração da face exposta do monólito do Barrocal, executado à escala natural e através do método de visualização bicromático, sobre plástico transparente, assim como a cobertura fotográfica, são de nossa autoria.

Cumpre-nos publicamente agradecer à Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Uva, proprietária da Herdade do Barrocal, a autorização para ali procedermos aos trabalhos efectuados. Os resultados destes foram apresentados, por convite do Prof. Victor S. Gonçalves, director da Unidade de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa, e do Presidente da Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, ao 2.º Colóquio Internacional sobre Megalitismo, que decorreu em Maio de 2000 em Monsaraz. Todavia, por falta de comunicação com o signatário, aqueles não integraram as actas da reunião científica referida, embora então se tenha divulgado resumo da comunicação efectuada.

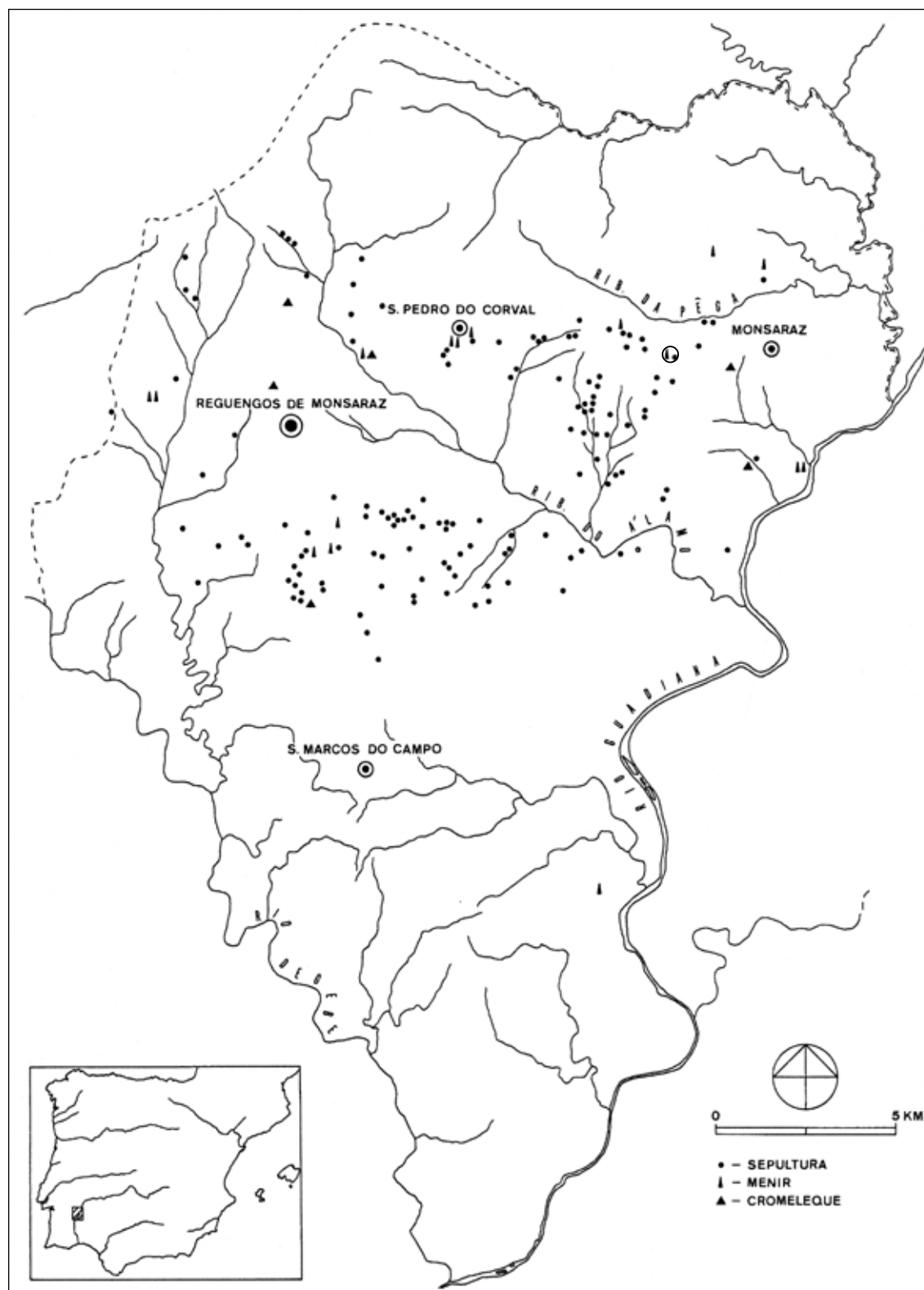
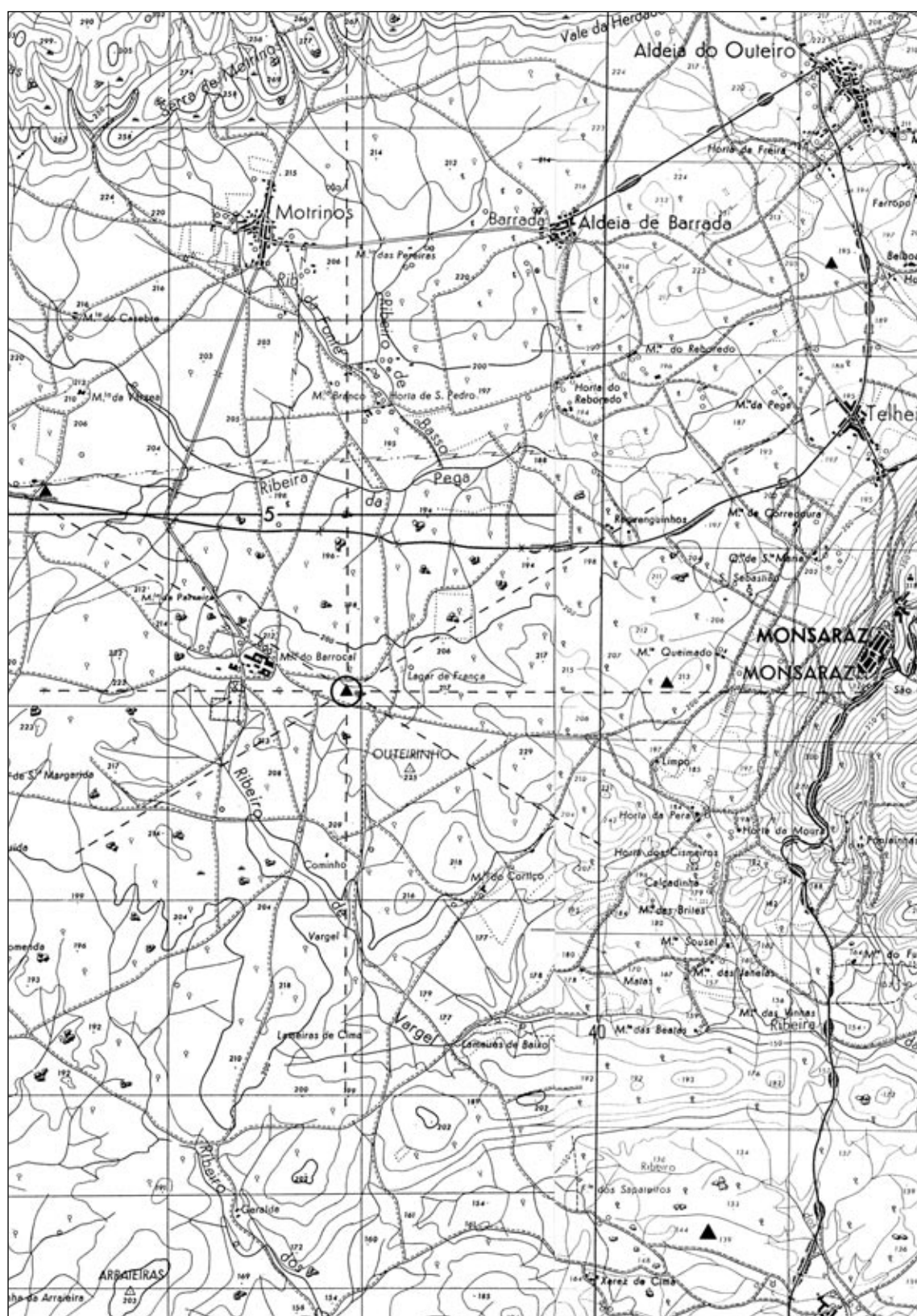


Fig. 1 Localização da estela-menir da Herdade do Barrocal, no concelho de Reguengos de Monsaraz, com indicação de sepulcros megalíticos, cromleques e menires isolados. Cromleques: Perdigões, Capela, Álamo, Limpo, Xarez e Farisoa. Menires: Outeiro, Belhoa, Horta do Cartaxo (3), Monte da Ribeira, Corval (2), Rocha dos Namorados, Santa Margarida, Herdade do Barrocal, Ribeira das Velhas (2), Gregórios, Vidigueiras, Monte Novo e Roncão (seg. M. V. Gomes).



46

## 2. Localização e ambiente natural

A por nós denominada estela-menir do Barrocal jazia tombada no terreno, no topo de pequeno relevo, em parte artificialmente aplanado, medindo 220 m de cota, situado a cerca de 370 m, este-sudeste do monte do Barrocal e a 500 m, para noroeste do vértice geodésico Outeirinho (Fig. 2).

Ali passa a linha de festo existente entre o vale da ribeira da Pega, que corre a 1 km a norte, e o da ribeira de Vargel, ou das Velhas, situado a igual distância mas para sul, sendo afluente da margem esquerda da ribeira do Álamo. A nascente existe, apenas durante o Inverno, pequena linha de água que desagua na margem direita da ribeira da Pega. Tanto a ribeira da Pega como a do Álamo, confluem na margem direita do Guadiana, que se situa a cerca de 5 km para sudeste do monte do Barrocal.

Do ponto onde foi erguido o menir avista-se vasto horizonte, recortado, a 4 km para norte, pelas cumeadas das serras das Pedras, dos Motrinos e da Barrada, observando-se, para nascente, o relevo onde se ergue a vetusta povoação de Monsaraz, a 2,5 km, e, para sul, as terras que marginam o Guadiana e a ribeira do Álamo, verdadeira espinha dorsal que drena terrenos com boas capacidades agrícolas e onde se desenvolveram, a norte e a sul daquela linha de água, importantes “territórios megalíticos”. Ali se contam, ainda, mais de uma centena de monumentos funerários, mas também cromeleques e menires isolados. Para poente atinge-se os férteis campos do Corval e de Reguengos.

O substrato rochoso da zona em apreço é constituído por granodioritos que, segundo J. C. Perdigão e C. T. de Assunção (1971, p. 12), “...correspondem à extremidade oriental das manchas eruptivas de Reguengos de Monsaraz e de Mourão, formadas quase exclusivamente por dioritos e quartzodioritos.”

Os terrenos da zona, com forte matriz arenosa, devido à decomposição dos granodioritos e, genericamente, das rochas graníticas, são ocupados por montado, por olivais ou aproveitados para culturas de sequeiro, intercalando largos períodos de pousio, como na criação de gado bovino e ovino-caprino. Há cerca de quinze anos iniciou-se a exploração de granitos na Herdade do Barrocal, tendo-se vindo a desmontar enormes afloramentos situados a poente do sítio onde jazia a estela-menir.

O local que temos vindo a referir pertence à freguesia de Nossa Senhora da Alagoa, de Monsaraz, concelho de Reguengos de Monsaraz e distrito de Évora. As suas coordenadas Gauss, aproximadas, são: S 640 629 (segundo a *Carta Militar de Portugal*, folha n.º 473, Reguengos de Monsaraz, à esc. 1:25 000, SCEP, 1965).

## 3. O monólito

Encontrava-se tombado, sobre uma das faces maiores, com a extremidade distal voltada para sudoeste e a proximal para nordeste.

Trata-se de enorme bloco, talhado em granodiorito, de grão médio e com cor cinzenta escura, apresentando forma ovóide, muito longa e achatada ou estelar. De facto, ele mostra duas faces maiores, quase paralelas, bem mais largas que a espessura.

Apresenta fractura antiga na extremidade distal, amputando-lhe volume considerável daquela, talvez provocada aquando do seu derrube (Fig. 3).

Aquele mede, actualmente, 5,72 m de altura e 1,68 m x 0,80 m, segundo dois eixos ortogonais, na sua maior espessura (volume proximal).





Fig. 3 Estela-menir da Herdade do Barrocal. Vista de sudoeste, da extremidade distal (foto M. V. Gomes, RXIII/95-10).

Nas suas superfícies ainda se observam os negativos da lascagem e, sobretudo, da bujardagem, que as regularizou, assim como alguns sinais de polimento.

A rocha em que o monólito foi afeiçoado é semelhante à de alguns afloramentos situados nas proximidades do local onde ele se encontrava.

#### **4. Decoração da face exposta (A)**

Tanto o terço distal como o mesial da face visível do monólito mostravam numerosas gravuras, produzidas por percussão, com negativos de contorno circular ou oval e de diferentes dimensões, denunciando a utilização de artefactos líticos. Trata-se, de picotagem directa ou indirecta, embora se tenha identificado o uso conjunto das duas técnicas em algumas figuras, utilizando-se incisores naturais, providos de extremidade apontada ou rudemente de afeiçoados, através de lasca-



Fig. 4 Estela-menir da Herdade do Barrocal. Vista de nordeste, da extremidade distal (foto M. V. Gomes, RXII/95-17).

gem. Estes artefactos de ocasião aproveitavam qualquer pequeno bloco ou seixo de rochas resistentes, como o quartzo ou o quartzito, muito abundantes na zona. Tais ferramentas eram impulsionalas apenas pela mão humana, na percussão directa, e batidas por percutor, na indirecta.

Através da picotagem directa elaboraram-se sucessões de negativos que enformam linhas nem sempre muito precisas, manchas, mais ou menos densas, e pequenas covinhas, enquanto com a indirecta, traçaram-se gravuras de contornos mais regulares, como alguns círculos e ziguezagues ou representação de “báculo”.

Conforme antes mencionámos, o topo da extremidade distal do menir foi fracturado, em momento indeterminado, tendo tal acção afectado algumas gravuras, nomeadamente duas linhas paralelas, onduladas, que decorariam aquela zona da face do monólito. É possível que na área amputada existissem mais gravuras. As fissuras detectadas, nesta face do monólito, quase não interferem com as gravuras, embora estas mostrem elevado grau de desgaste, devido a longa exposição à acção dos agentes meteóricos (Figs. 3, 4).

Registámos o acervo iconográfico que, em seguida, se descreve (Fig. 5).

Fig. 1 – Linha ondulada. Disposta na vertical e amputada na extremidade distal, devido a fractura do suporte. Foi gravada, possivelmente através de picotagem indirecta, mostrando negativos, com contorno circular ou oval, possuindo dimensões médias a grandes, que constituem linha contínua, mas de largura algo irregular. Mede, actualmente, 0,75 m de comprimento.

Fig. 2 – Linha ondulada. Amputada na extremidade distal, oferece disposição, tal como características morfológicas e técnicas, semelhantes à da figura anteriormente descrita, sendo a ela paralela e distanciando-se, apenas, 0,08 m. Mede, actualmente, 0,65 m de comprimento.

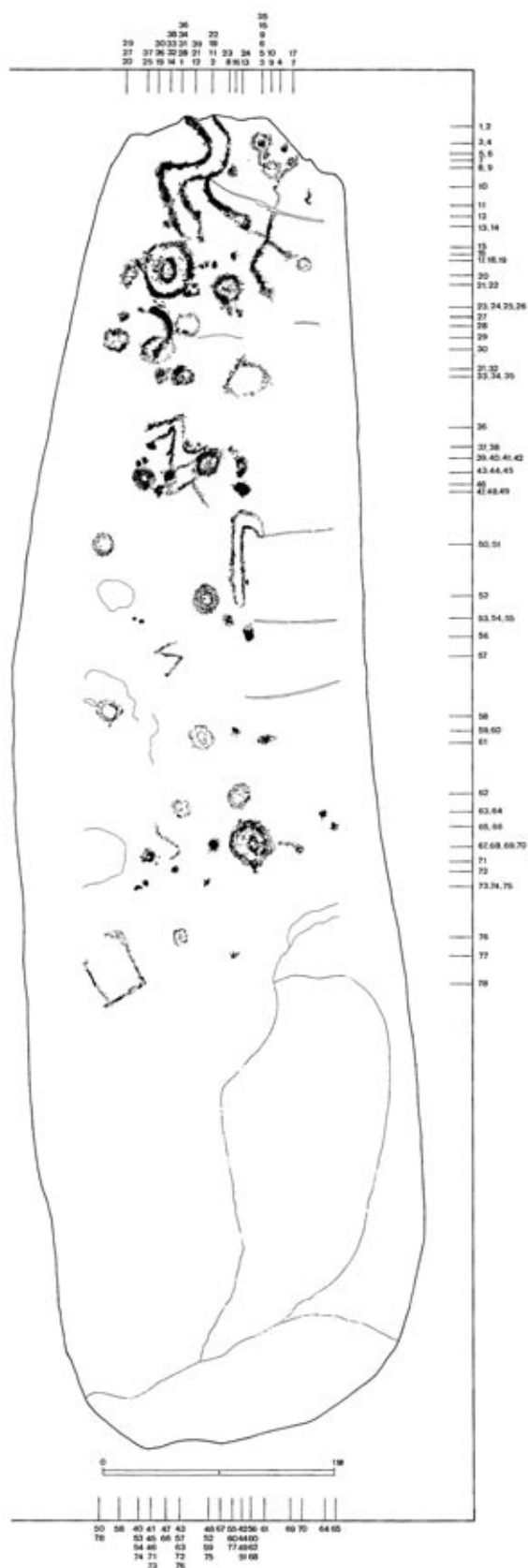


Fig. 5 Iconografia da face exposta (A) da estela-menir da Herdade do Barrocal (seg. M. V. Gomes).



Fig. 3 – Círculo com covinha central. Foi gravado através de picotagem directa, com negativos de contorno circular, mostrando pequenas dimensões, formando linha descontínua e algo difusa. Ao centro oferece aglomerado de negativos, formando covinha. Foi sobreposto pela extremidade de linha curva (fig. 6). Mede 0,09 m de diâmetro.

Fig. 4 – Covinha. Conjunto de negativos, mostrando contorno circular ou oval, com pequenas dimensões e produzidos através de picotagem directa. Mede 0,03 m de diâmetro.

Fig. 5 – Círculo. Apresenta negativos de contorno circular ou oval, possuindo pequenas dimensões, constituindo linha contínua mas algo difusa, gravada através de percussão directa. Mede 0,03 m de diâmetro.

Fig. 6 – Linha curva. Gravada com negativos, de contorno circular e pequenas dimensões, formando linha descontínua. Esta sobrepõe e liga as figuras 3 e 9. Mede 0,10 m de comprimento.

Fig. 7 – Covinha. Conjunto de negativos, oferecendo contorno circular ou oval, com pequenas dimensões, produzidos através de picotagem directa. Sobrepõe linha ondulada (fig. 10). Mede 0,05 m de diâmetro.

Fig. 8 – Covinha. Formada por negativos apresentando contorno circular ou oval e de pequenas dimensões, realizados através de picotagem directa. Mede 0,05 m de diâmetro.

Fig. 9 – Círculo. Foi figurado através de percussão directa, exibindo negativos de contorno circular e de pequenas dimensões, constituindo linha descontínua. Encontra-se sobreposto pela linha anteriormente descrita (fig. 6). Mede 0,08 m de diâmetro.

Fig. 10 – Serpentina. Amputado devido à fractura da extremidade distal do suporte, foi gravado no sentido longitudinal, em relação às dimensões daquele, através de negativos, com contorno circular ou oval e de dimensões pequenas a médias, formando traço descontínuo. Sobrepõe e reutiliza parte da figura 15 (idoliforme?) e foi sobreposto por covinha (fig. 7). Mede 0,68 m de comprimento.

Fig. 11 – Linha curva. Gravada com negativos de contorno circular ou oval, possuindo dimensões médias a grandes, realizados através de picotagem indirecta, enformando traço contínuo, largo e profundo. Sobrepõe, na extremidade superior, linha ondulada (fig. 2) e, na inferior, é sobreposta por covinha (fig. 13). Mede 0,32 m de comprimento.

Fig. 12 – Covinha. Mostra negativos com contorno circular ou oval e de pequenas dimensões, produzidos através de picotagem directa. Sobrepõe a extremidade proximal de linha ondulada (fig. 2). Mede 0,04 m de diâmetro.

Fig. 13 – Covinha. Gravada com negativos de contorno circular ou oval, mostrando pequenas dimensões e produzidos por picotagem directa. Sobrepõe a extremidade de linha curva (fig. 11). Mede 0,04 m de diâmetro.

Fig. 14 – Covinha. Apresenta negativos com contorno circular ou oval, de pequenas dimensões, realizados através de picotagem directa. Sobre põe a extremidade proximal de linha ondulada (fig. 1). Mede 0,04 m de diâmetro.

Fig. 15 – Idoliforme (?). Figura de contorno trapezoidal, sem um dos lados ou em forma de pórtico, gravada com picotados, apresentando contorno circular ou oval e de dimensões médias, constituindo linhas contínuas, mas de bordos algo difusos. Mede 0,16 m de altura e 0,20 m de largura máxima.

Fig. 16 – Covinha. Produzida através de negativos, possuindo contorno circular ou oval, com pequenas dimensões e através de picotagem directa. Parece fazer par com a covinha correspondente à figura 18. Mede 0,03 m de diâmetro.

Fig. 17 – Círculo. Foi gravado com negativos mostrando dimensões médias, possivelmente através de picotagem directa, mas formando linha descontínua. Mede 0,07 m de diâmetro.

Fig. 18 – Covinha. Realizada a partir de negativos possuindo contorno circular ou oval, com pequenas dimensões e através de picotagem directa. Conforme acima referimos, deve formar par com a covinha antes descrita (fig. 16). Mede 0,03 m de diâmetro.

Fig. 19 – Círculos concêntricos. Trata-se de dois círculos, enformados por negativos possuindo contorno circular ou oval, providos de dimensões médias a grandes, através de gravação indirecta, constituindo linhas em parte descontínuas. Ambos foram aprofundados, em um segundo momento de gravação, mostrando sobretudo o círculo exterior, na sua metade inferior, incisão larga e profunda. Sobre põe pequeno círculo (fig. 21). O círculo maior mede 0,25 m de diâmetro e o menor apenas 0,10 m.

Fig. 20 – Oval. Foi gravada, através de picotagem indirecta e mostra negativos, possuindo contorno circular ou oval, apresentando dimensões pequenas a médias e formando linha descontínua. Mede 0,12 m segundo o seu eixo maior.

Fig. 21 – Círculo. Representado através de gravação directa, mostra negativos com contorno circular ou oval, com pequenas e médias dimensões, formando linha em parte descontínua. Foi sobreposto pela figura 19. Mede 0,05 m de diâmetro.

Fig. 22 – Círculo com covinha central. Gravado através de picotagem directa, apresenta negativos possuindo contorno circular ou oval, com pequenas dimensões, formando linha descontínua. Ao centro observa-se aglomerado de negativos. Mede 0,12 m de diâmetro.

Fig. 23 – Mancha. Conjunto de picotados, produzidos de forma directa, oferecendo contorno circular ou oval e dimensões pequenas a médias. Mede 0,04 m segundo o maior comprimento.

Fig. 24 – Mancha. Técnica e formalmente semelhante à figura anterior, à qual parece estar associada. Mede 0,04 m de comprimento máximo.

Fig. 25 – Covinha. Produzida através de picotagem directa, possuindo negativos com contorno circular ou oval, de pequenas dimensões. Mede 0,03 m de diâmetro.

Fig. 26 – Linha curva. Descreve arco de círculo e mostra picotagem produzida indirectamente, com negativos de contorno circular ou oval, de médias dimensões, enformando linha larga e profunda, regularizada por polimento. Sobre põe círculo com covinha central (fig. 30). Mede 0,30 m de comprimento.

Fig. 27 – Covinha. Apresenta negativos mostrando contorno circular ou oval, de pequenas e médias dimensões, produzidos directamente. Mede 0,05 m de diâmetro.

Fig. 28 – Círculo. Foi gravado através de picotagem indirecta, oferecendo negativos de contorno circular, possuindo pequenas dimensões, mas enformando linha descontínua. Mede 0,10 m de diâmetro.

Fig. 29 – Círculo. Representado por picotagem directa, mostra negativos com contorno circular ou oval, oferecendo pequenas e médias dimensões, constituindo linha descontínua e irregular. Mede 0,11 m de diâmetro.

Fig. 30 – Círculo com covinha central. Gravado através de picotagem directa, apresenta negativos mostrando contorno circular ou oval, com dimensões pequenas a médias, formando linha descontínua e irregular. Foi sobreposto por linha curva (fig. 26). Mede 0,15 m de diâmetro.

Fig. 31 – Covinha. Realizada por percussão directa, apresenta negativos circulares e ovais, de médias dimensões. Sobre põe círculo (fig. 34). Mede 0,05 m de diâmetro.

Fig. 32 – Covinha. Oferece características idênticas à anteriormente descrita, sobre põe círculo (fig. 33) e deve associar-se àquela. Mede 0,03 m de diâmetro.

Fig. 33 – Círculo pleno. Foi gravado, por percussão directa, através de picotados, apresentando contorno circular ou oval, e com dimensões médias. Foi sobreposto por covinha (fig. 32). Mede 0,06 m de diâmetro.

Fig. 34 – Círculo. Representado através de picotagem directa, mostra negativos com contorno circular ou oval, possuindo dimensões médias e formando linha descontínua. Foi sobreposto por covinha (fig. 31). Mede 0,09 m de diâmetro.

Fig. 35 – Oval. Apresenta negativos, oferecendo contorno circular ou oval, com dimensões pequenas a médias, obtidos por percussão directa e constituindo linhas descontínuas. Mede 0,20 m segundo o seu eixo maior.

Fig. 36 – Ziguezague. Contém três segmentos e foi gravado possivelmente através de percussão indirecta, mostrando negativos com contorno circular ou oval, de dimensões pequenas a médias, formando linha descontínua. Mede 0,45 m de comprimento.

Fig. 37 – Covinha. Foi gravada através de percussão directa, oferecendo negativos de contorno circular ou oval, possuindo dimensões médias. Sobrepõe a extremidade distal de ziguezague (fig. 38). Mede 0,05 m de diâmetro.

Fig. 38 – Ziguezague. Apresenta características morfológicas e técnicas semelhantes ao seu congénere anteriormente descrito (fig. 36) e ao qual é quase paralelo. Foi sobreposto por círculo (fig. 39), em uma das extremidades, e por duas covinhas (figs. 37 e 43). Mede 0,48 m de comprimento.

Fig. 39 – Círculo. Foi gravado por percussão directa, oferecendo negativos de contorno circular ou oval e de dimensões médias, constituindo linha contínua. Sobrepõe a extremidade de ziguezague (fig. 38). Mede 0,12 m de diâmetro.

Fig. 40 – Covinha. Aberta por percussão directa, mostra negativos de contorno circular ou oval, possuindo pequenas e médias dimensões. Deve associar-se à covinha a seguir descrita (fig. 41). Mede 0,03 m de diâmetro.

Fig. 41 – Covinha. Mostra características morfotécnicas semelhantes à figura anteriormente descrita e à qual parece associar-se (fig. 40). Mede 0,03 m de diâmetro.

Fig. 42 – Círculo. Foi gravado através de picotagem directa, oferecendo negativos de contorno circular ou oval, com dimensões médias, enformando linha quase contínua. Foi sobreposto por covinha (fig. 44). Mede 0,05 m de diâmetro.

Fig. 43 – Covinha. Gravada a partir de percussão directa, oferece negativos de contorno circular ou oval, possuindo dimensões médias. Sobrepõe ziguezague (fig. 38). Mede 0,05 m de diâmetro.

Fig. 44 – Covinha. Foi representada através de picotagem directa, que originou negativos oferecendo contorno circular ou oval e de dimensões médias. Sobrepõe círculo (fig. 42). Mede 0,03 m de diâmetro.

Fig. 45 – Coroa circular. Representada através de percussão indirecta, mostra negativos possuindo contorno circular ou oval, com pequenas dimensões, formando linhas e mancha quase contínuas. Foi sobreposta por covinha (fig. 46). Mede 0,10 m de diâmetro.

Fig. 46 – Covinha. Foi gravada utilizando-se a percussão directa, mostra negativos de contorno circular ou oval e de dimensões médias. Sobrepõe coroa circular (fig. 45) e parece formar par com a covinha a seguir descrita (fig. 47). Mede 0,03 m de diâmetro.

Fig. 47 – Covinha. Técnica e formalmente semelhante à anteriormente descrita, com a qual sugere constituir par (fig. 46), embora tal possa ocorrer com outra covinha (fig. 43). Mede 0,04 m de diâmetro.

Fig. 48 – Ziguezague. Apresenta apenas dois segmentos, tendo sido figurado através de negativos possuindo contorno circular ou oval e de dimensões médias, realizados por picotagem



indirecta, formando linha quase contínua. Deve associar-se aos dois ziguezagues acima descritos (figs. 36 e 38). Mede 0,28 m de comprimento.

Fig. 49 – Covinha. Representada através de negativos possuindo contorno circular ou oval, com dimensões médias e através de percussão directa. Mede 0,07 m de diâmetro.

Fig. 50 – Círculo. Produzido por percussão indirecta, oferece negativos com contorno circular ou oval, possuindo pequenas dimensões e formando linha descontínua. Mede 0,10 m de diâmetro.

Fig. 51 – “Báculo”. Disposto verticalmente, quando o monólito se encontrava erecto, apresentava a curva da extremidade distal voltada para o lado direito do observador. Foi gravado através de percussão indirecta, mostrando negativos com contorno circular ou oval e dimensões pequenas a médias, formando linhas de contorno nem sempre contínuas. Mede 0,42 m de altura e 0,14 m de largura, na extremidade distal.

Fig. 52 – Coroa circular. Localiza-se à esquerda do “báculo” e deve a ele encontrar-se associada. Foi gravada através de picotagem indirecta, possuindo negativos com contorno circular ou oval e de dimensões pequenas a médias, formando linhas e mancha contínuas. Mede 0,11 m de diâmetro.

Fig. 53 – Covinha. Foi gravada através de picotagem directa, apresentando negativos com contorno circular ou oval, de dimensões médias. Parece associada à covinha a seguir descrita (fig. 54). Mede 0,02 m de diâmetro.

Fig. 54 – Covinha. Técnica e formalmente idêntica à figura que acabámos de descrever à qual se deve associar, formando par (fig. 53). Mede 0,02 m de diâmetro.

Fig. 55 – Covinha. Apresenta negativos possuindo contorno circular ou oval, mostrando dimensões médias e obtidos por percussão directa. Deve associar-se à covinha a seguir descrita (fig. 56). Mede 0,05 m de diâmetro.

Fig. 56 – Covinha. Técnica e formalmente semelhante à anteriormente descrita, com ela deve constituir par. Mede 0,05 m de diâmetro.

Fig. 57 – Ziguezague. Apresenta três segmentos, gravados através de picotagem indirecta, formados por negativos oferecendo contorno circular ou oval, com dimensões médias e constituindo linhas algo descontínuas. Mede 0,32 m de comprimento.

Fig. 58 – Círculos concêntricos. Gravados através de percussão directa e indirecta, oferecem negativos mostrando contorno circular ou oval, com pequenas e médias dimensões, formando linhas descontínuas. O círculo maior mede 0,10 m de diâmetro e o menor apresenta 0,06 m de diâmetro.

Fig. 59 – Círculos concêntricos. Trata-se de esboço, obtido por percussão indirecta, mostrando negativos com contorno circular ou oval, de pequenas dimensões, constituindo linhas descontínuas. O círculo maior oferece 0,10 m de diâmetro e o menor 0,04 m de diâmetro.

Fig. 60 – Covinha. Foi gravada com picotagem directa, possuindo negativos de contorno circular ou oval e de dimensões médias. Deve associar-se à covinha a seguir descrita (fig. 61), com ela formando par. Mede 0,04 m de diâmetro.

Fig. 61 – Covinha. Técnica e formalmente idêntica à covinha anteriormente mencionada e à qual deve encontrar-se associada (fig. 60). Mede 0,05 m de diâmetro.

Fig. 62 – Oval. Representada através de percussão directa, mostra negativos com contorno circular ou oval e de médias dimensões, formando linha descontínua. Mede 0,12 m segundo o seu eixo maior.

Fig. 63 – Círculo com covinha central. Trata-se, apenas, de esboço, executado por percussão directa, possuindo negativos circulares de pequenas dimensões, formando linha descontínua. Mede 0,07 m de diâmetro.

Fig. 64 – Covinha. Foi gravada através de percussão directa, oferecendo negativos, apresentando contorno circular ou oval e com dimensões médias. Deve associar-se à covinha a seguir descrita (fig. 65), com ela formando par. Mede 0,03 m de diâmetro.

Fig. 65 – Covinha. Representada por picotagem directa, mostra negativos possuindo contorno circular ou oval e de dimensões médias. Deve encontrar-se associada à covinha anteriormente descrita (fig. 64). Mede 0,03 m de diâmetro.

Fig. 66 – Serpentina. Figurado obliquamente em relação ao eixo maior do suporte, apresenta negativos de contorno circular ou oval, possivelmente obtidos através de percussão indirecta e que enformam linha algo descontínua. Mede 0,21 m de comprimento.

Fig. 67 – Covinha. Foi gravada, utilizando-se a percussão directa, mostrando picotados de contorno circular ou oval e de médias dimensões. Mede 0,05 m de diâmetro.

Fig. 68 – Círculos concêntricos. Representados através de percussão directa e indirecta, mostram negativos de contorno circular ou oval e de dimensões médias, constituindo linhas largas mas quase contínuas. O círculo maior mede 0,18 m de diâmetro e o menor 0,07 m.

Fig. 69 – Linha. Gravada através de picotagem directa, apresentando negativos circulares ou ovais, com pequenas a médias dimensões e formando linha algo descontínua. Sugere ligar círculos concêntricos (fig. 68) a covinha (fig. 70). Mede 0,08 m de comprimento.

Fig. 70 – Covinha. Foi representada através de percussão directa, oferecendo negativos com forma circular ou oval e de dimensões médias. Mede 0,04 m de diâmetro.

Fig. 71 – Círculo. Gravado usando-se a picotagem directa, apresenta negativos com contorno circular ou oval, de dimensões médias, constituindo linha descontínua e algo difusa. Mede 0,06 m de diâmetro.

Fig. 72 – Covinha. Figurada por percussão directa, oferece negativos com contorno circular ou oval e de dimensões médias. Mede 0,03 m de diâmetro.

Fig. 73 – Covinha. Representada por picotagem directa, mostra negativos com contorno circular ou oval e de pequenas dimensões. Mede 0,02 m de diâmetro.

Fig. 74 – Covinha. Foi gravada através de picotagem directa, possuindo negativos com contorno circular ou oval e de pequenas dimensões. Mede 0,03 m de diâmetro.

Fig. 75 – Covinha. Figurada por picotagem directa, oferece negativos de contorno circular ou oval e com pequenas dimensões. Mede 0,03 m de diâmetro.

Fig. 76 – Espiral. Mostra forma sinistrorsa, com pouco mais que uma volta, gravada através de percussão indirecta, apresentando negativos com contorno circular e de pequenas dimensões, constituindo linha descontínua. Mede 0,08 m de diâmetro.

Fig. 77 – Covinha. Gravada por percussão directa, mostra negativos com contorno circular e de pequenas dimensões. Mede 0,02 m de diâmetro.

Fig. 78 – Idoliforme (?). Apresenta contorno sub-rectangular, embora incompleto em um dos lados. Foi gravado através de percussão indirecta, com negativos possuindo contorno circular ou oval e de dimensões médias. Mede 0,28 m de altura e 0,20 m de largura.

## 5. Sondagem

Procedemos à investigação da área imediatamente envolvente do menir, correspondente a três quadrados, cada um medindo 3 m de lado, dispostos em linha de modo a tentarmos melhor compreender aquele monumento e, nomeadamente, a identificar a sua estrutura de implantação. Dado que não dispunhamos de cota absoluta, ligada à rede geodésica nacional, elegemos como ponto zero convencional (0 = 0,00), o topo distal da face visível do monólito. As cotas apresentadas são negativas e medidas a partir daquela referência (Fig. 6).

Iniciaram-se os trabalhos pelo Q1, o situado a maior latitude, contendo a sua área central a extremidade proximal do menir.

A cerca de 0,20 m de profundidade reconheceram-se alguns blocos de granito e mancha, com planta de forma oval, constituída por terras com cor castanha escura, acinzentada, medindo 2,40 m de diâmetro máximo. Estes testemunhos denunciam a fossa da estrutura de implantação do monólito e a coroa lítica que o ajudava a manter erguido (Fig. 7).

A escavação daquela estrutura negativa atingiu 0,25 m de profundidade, não se tendo alcançado o seu fundo. Tal ficou a dever-se ao facto de então não dispormos dos meios necessários tendo em vista não desperdiçarmos informação que a escavação cuidada daquela estrutura, em grande parte sob a estela-menir e, sobretudo, análises de amostras ali obtidas poderiam proporcionar, nomeadamente no que concerne à datação do monumento e à caracterização do meio natural em que foi erguido.

No lado nordeste da fossa acima referida, encontrámos blocos de rochas graníticas, o maior dos quais medindo 0,68 m de comprimento e 0,24 m de largura, que fizeram parte da coroa lítica



Fig. 6 Estela-menir da Herdade do Barrocal vista de poente, durante a realização de sondagem (seg. M. V. Gomes, RXII/95-32).



Fig. 7 Testemunhos da estrutura de sustentação da estela-menir da Herdade do Barrocal. Vista de nordeste (seg. M. V. Gomes, RXIII/95-1).



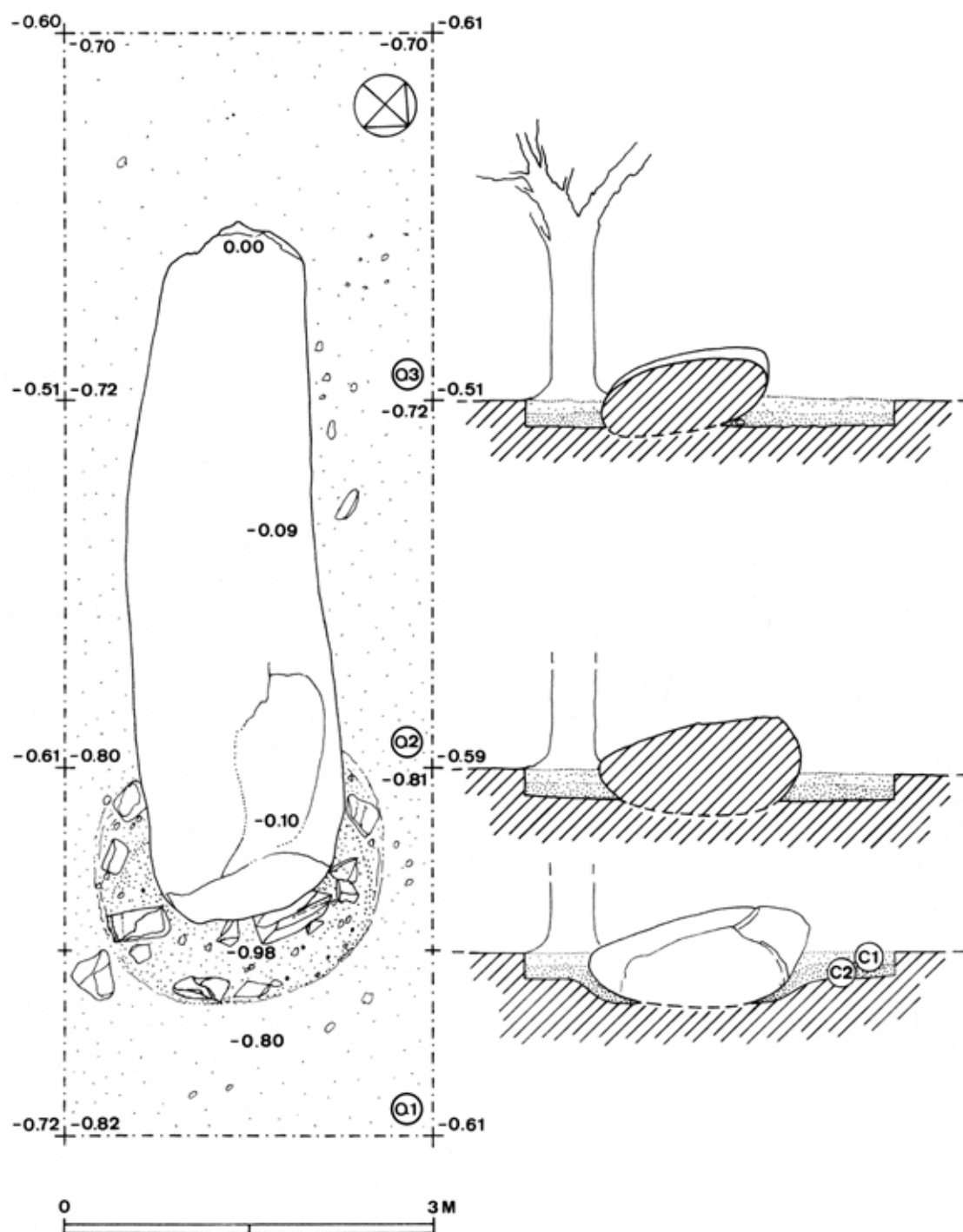


Fig. 8 Planta e cortes da área intervencionada, que envolvia a estela-menir da Herdade do Barrocal (seg. M. V. Gomes).

de sustentação do menir, muito desmantelada naquela área e talvez mais bem conservada a maior profundidade (Fig. 8).

Atendendo às excepcionais dimensões e à forma estelar do monumento agora dado a conhecer, calculamos, através de paralelos por nós investigados, que a fossa de implantação do monólito tivesse cerca de 1,00 m de profundidade e forte coroa lítica, hipóteses que a nossa intervenção não esclareceu cabalmente<sup>2</sup>.

À sondagem no Q1 seguiram-se as dos Q2 e Q3, não se tendo detectado, em qualquer deles, restos de estruturas. A profundidade alcançada, apenas cerca de 0,20 m, não atingiu o substrato, verificando-se a presença de fragmentos de cerâmicas neolíticas, com aspecto rolado, e de algumas pedras pequenas. Todas as terras escavadas foram crivadas.

Observou-se a seguinte sucessão estratigráfica:

C1 – Terra pouco compacta, de matriz arenosa mas contendo abundantes elementos orgânicos, de cor castanha acinzentada e medindo 0,10 m de potência média. Embalava pequenos fragmentos de cerâmica, de diferentes idades.

C2 – Terra compacta, de matriz areno-argilosa, de cor castanha, medindo, pelo menos, 0,20 m de espessura. Continha fragmentos de cerâmicas neolíticas.

C3 – Terra muito compacta, de matriz argilosa, de cor castanha escura, correspondendo à fossa da estrutura de implantação da estela-menir.

## 6. O recinto

Aquando do reconhecimento da área envolvente da estela-menir do Barrocal, verificámos que aquela tinha sido erguida em zona artificialmente aplanada e limpa de blocos de pedra ou de afloramentos, formando ampla esplanada (Fig. 9).

Tal espaço era ainda delimitado, nos quadrantes sudeste, sudoeste e noroeste, por blocos de pedra, alguns medindo mais de 1 m de comprimento, com origem natural ou cortados por acção humana, configurando recinto.

O quadrante nordeste não se encontrava definido por pedras, tendo aquelas possivelmente desaparecido, dado que ali o solo terá sido nivelado, através de enchimento, formando talude, de modo a atingir a cota da restante área daquele espaço, como por próximo passar caminho, que bem pode ter danificado estrutura primitivamente erguida.

O levantamento desenhado dos restos daquela construção evidenciou a sua forma ovalar, constituída por semicírculo e semioval, denominada *egg-shape* na literatura anglo-saxónica, tal como a existência clara de eixo maior. Este foi definido por dois afloramentos, um na extremidade noroeste do recinto e outro na sudeste, passando pela base da estela-menir.

A linha referida, orientada noroeste-sudeste, com a sua perpendicular, que passa pela base do monólito, constituíram os eixos geradores da arquitectura do monumento. Também dois outros eixos intermédios, orientados norte-sul e este-oeste, foram definidos por grandes blocos, ou afloramentos, um deles contendo, na superfície superior, significativo conjunto de covinhas.

O eixo maior do recinto media 72 m de extensão e o menor, a ele perpendicular, atingia 60 m. A primeira dimensão registada corresponde a 240 pés megalíticos, unidade padrão de comprimento medindo 0,30 m de extensão, enquanto a segunda correspondia a 200 pés megalíticos (Gomes, 2003, p. 227-229). O raio do semicírculo que constitui o recinto era de 30 m, ou seja, 100 pés megalíticos.

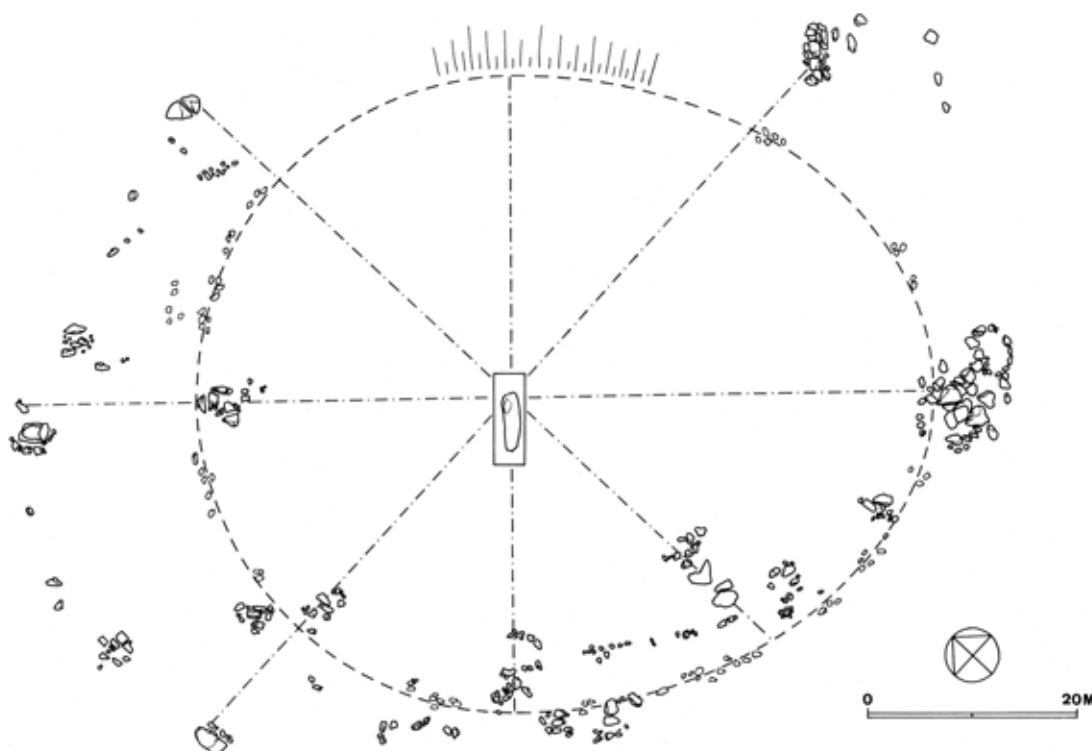


Fig. 9 Planta do recinto que integrava a estela-menir da Herdade do Barrocal (seg. M. V. Gomes).

Na extremidade do eixo maior do recinto, junto a alto afloramento rochoso, encontrámos estrutura, com planta de forma oval, definida por blocos de granito, e medindo cerca de 4 m de comprimento por 2,4 m de largura, devendo corresponder a “fundo de cabana”, de idade indeterminada.

No interior do lado sudoeste daquela construção corre afloramento granítico, que não devemos confundir com os restos edificados que se encontram próximos.

## 7. Comentário

### 7.1. *Arquitectura*

A estela-menir da Herdade do Barrocal constitui monumento complexo, cuja importância se não traduz apenas por ser o mais alto monólito daquele tipo, erguido na Península Ibérica pelo Homem pré-histórico, mas porque mostra riquíssima iconografia gravada e integrava recinto, com características pouco conhecidas entre nós, cujos restos, muito desmantelados, ainda pervivem.

Todavia, em recente visita que ali fizemos (Set. 2006), verificámos assinalável diferença em relação ao número e, sobretudo, à disposição dos blocos definidores do recinto que tínhamos identificado e desenhado a planta havia mais de uma dezena de anos. Tal ficou a dever-se, por certo, a trabalhos agrícolas efectuados, conduzindo também a que a estela-menir fosse removida do local onde jazia há milénios.

Ao centro daquela estrutura erguia-se a estela-menir, talvez com uma das faces maiores voltada para sul e a outra na direcção oposta. Os restos da estrutura de implantação do monólito, com fossa aberta no solo e coroa lítica, apresentava tipologia muito semelhante à observada na

sustentação da estela-menir da Caparrosa, embora esta conservasse maior número de elementos líticos, aspecto que se deve, por certo, ao facto de se encontrar erecta (Gomes, 1993, p. 10, fig. 3).

Conhecem-se outros recintos, de diferentes dimensões, mas onde também se levantaram monólitos, como o do Pardieiro, nos arredores de Évora (Burgess, 1987, p. 40, 41, 75, fig. 11-2),

No Alto Alentejo, grandes cromeleques como Almendres, Portela de Mogos, Vale Maria do Meio e Xarez, mostraram os eixos maiores com orientação aproximada nascente-poente, o mesmo acontecendo com outros de menores dimensões, designadamente, Cuncos (Montemor-o-Novo), Vale de El-Rei (Mora) e Fontaínhas Velhas (Mora). No entanto, é possível que o cromeleque do Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova), na Beira Baixa ou Beira Alentejana, como muito judiciosamente lhe chamou Amorim Girão, mostre planta de forma elíptica, oferecendo o seu eixo maior idêntica orientação à do eixo maior do recinto da Herdade do Barrocal.

Não descartamos a hipótese de as orientações detectadas naqueles dois monumentos serem próprias de momentos tardios do Neolítico, dos finais do Neolítico Médio ou, até, algo posteriores. Por outro lado, as plantas de forma oval, como a do recinto do Barrocal, demonstram maior evolução, em termos de concepção e de técnica do desenho, em relação às de forma circular.

No recinto da Herdade do Barrocal, a sua edificação, denunciando concepção bem diferente do gigantismo do monólito central, sugere ser ulterior à erecção daquele. Os paralelos que poderíamos obter com os pequenos monólitos constituintes do cromeleque do Xarez ou até com os do primeiro monumento dos Almendres (Almendres I) não colhem argumentos, pois trata-se de verdadeiros cromeleques, formados por menires que mantêm distanciamento constante entre si e não de espécie de muro, conforme ocorria no exemplar em estudo.

A construção de recinto envolvendo menir pré-existente não constitui caso único no megalitismo, nem mesmo no concelho de Reguengos de Monsaraz, conforme exemplifica o menir 5 do desmantelado monumento dos Perdígões.

Aquele, quando ainda *in situ*, foi integrado em espaço definido por murete, possuindo planta em forma de pórtico, durante o Calcolítico, demonstrando interessante pervivência, embora denunciando importantes alterações, tanto em relação às concepções de espaço sagrado, então circunscrito a um monólito específico que fez parte de monumento complexo, como das práticas com ele relacionadas (Gomes, 1994, p. 327, 329, fig. 6).

## 7.2. Suporte e topologia iconográfica

Conforme registámos, as gravuras descritas têm como suporte a face exposta da estela-menir, podendo existir outras na face oposta, voltada para o solo à data da nossa intervenção. Com a remoção recente do monólito do local em que jazia, verificou-se, de facto, a presença de outras gravuras, julgo que a serem estudadas por M. Calado.

Tal como muitos outros menires e estelas-menir do Alto Alentejo, também o monumento da Herdade do Barrocal foi talhado em rocha granítica, de grão médio e, portanto, opondo resistência à percussão de artefactos líticos ou, até, metálicos.

O principal inimigo da conservação das superfícies decoradas dos monumentos mencionados são os agentes meteóricos, embora a estela-menir do Barrocal, apesar de mostrar resultados provocados pela erosão daqueles, encontrava-se sem fracturas profundas ou escamamentos, facto que podemos atribuir a ela ter sido polida.

Também as gravuras se conservaram, embora algumas estejam muito erodidas e não possamos afastar a hipótese de exemplares, menos profundos, terem desaparecido. À queda do monó-



lito, provocada por mãos humanas ou não, ou a ulterior acção antrópica, deve-se a fractura da sua extremidade distal.

Conforme é mais comum acontecer no tipo de monumento que integra o agora estudado, a zona mais decorada corresponde ao seu terço distal.

Ali se acumula considerável número de imagens e de sobreposições, pelo que podemos considerar ser aquela zona a que despertava maior interesse quando o monólito se encontrava erecto. E ela estava mais longe do observador, mas mais próxima da abóbada celeste e dos seus astros.

Com a estela-menir derrubada, a presença de gravuras conduziu a que aquela zona, especialmente valorizada e com significado diferenciado das restantes, fosse considerada como suporte privilegiado de novas iconografias e foco das práticas sócio-religiosas que elas devem reflectir.

No terço mesial as gravuras encontram-se dispersas, mostram menor número e densidade. Algumas, como a representação de “báculo”, figura circular a ele associada ou os idoliiformes, terão sido gravadas com o monólito de pé. Aliás, por um lado, a posição do “báculo”, figurado verticalmente, denuncia esse aspecto e, por outro lado, a sua localização, na área mencionada, tem paralelo nos menires da Belhoa e Pontais, dado que os “báculos” da estela-menir do Monte da Ribeira situam-se em ambas faces do seu volume distal (Gonçalves, Balbín-Behrmann e Bueno Ramírez, 1997, p. 240, 245, figs. 4, 8).

A restante iconografia detectada na superfície mesial da face estudada da estela-menir do Barrocal foi gravada com o monólito tombado.

A superfície proximal, mal regularizada, não apresenta gravuras e grande parte dela estaria primitivamente, como é óbvio, soterrada.

A face que se encontrava exposta da estela-menir do Barrocal, quando esta jazia por terra, pôde servir de suporte a novas gravuras ao longo dos milénios, embora a iconografia nela registada seja própria dos tempos pré-históricos, conforme adiante discutiremos. Também a estela-menir do Monte da Ribeira, se bem que oferecendo gravuras em ambas faces, apenas uma delas apresenta grande profusão de motivos, aliás alguns afins dos recenseados no monumento do Barrocal, o que indica a sua exposição quando derrubada, durante largos séculos.

### 7.3. Variantes morfológicas das gravuras

São três as principais variantes técnicas observadas nas gravuras. As mais bem reconhecíveis mostram linhas contínuas, largas e profundas, obtidas por percussão indirecta, possuindo negativos de pequenas ou médias dimensões e que foram, possivelmente, regularizadas por abrasão. Correspondem ao tipo referido as duas linhas onduladas verticais (Figs. 1 e 2), talvez as mais antigas do reportório registado, mas também linhas curvas dos momentos finais de produção iconográfica (Figs. 11, 26 e parte da 19).

Foram gravados através de picotagem indirecta, com negativos de pequenas dimensões, formando linhas nem sempre contínuas, o báculo, as coroas circulares e os possíveis idoliiformes.

Com percussão directa ou indirecta, de negativos possuindo dimensões pequenas a médias, gravaram-se os ziguezagues e alguns círculos.

Utilizou-se quase sempre a percussão directa, produzindo linhas mal definidas, formadas principalmente por negativos de médias dimensões, para figurar círculos, círculos concêntricos, círculos com covinha central, ovais e algumas linhas.

Por fim, surgiram motivos, como as covinhas e algumas manchas, também gravados por percussão directa, mostrando negativos de dimensões variáveis e onde, em alguns exemplares, foi manifesta a intenção de figurar a terceira dimensão, a profundidade.

#### 7.4. Repertório iconográfico

Os testemunhos figurativos detectados na face exposta da estela-menir do Barrocal, formados por quase oito dezenas de ocorrências, distribuídas por quinze motivos distintos, constituem espécie de palimpsesto que evidenciam momentos diferentes de gravação. Estes podem ser individualizados a partir da análise das técnicas de execução, das estratigrafias e associações existentes, dos graus de patina devidos à exposição aos agentes meteóricos e, também, da própria iconografia, através de paralelos com artefactos conhecidos ou com outras representações semelhantes e bem datadas, sobretudo em termos ideológico-culturais (Quadro I).

Quadro I. Síntese iconográfica da face exposta (A) da estela-menir da Herdade do Barrocal								
	<i>P I</i>	<i>P II</i>	<i>P III</i>	<i>P IV</i>	<i>P V</i>	<i>?</i>	<i>Total</i>	<i>%</i>
<i>Ondulado/Serpentiforme</i>	2			1	1		4	5,13
<i>“Báculo”</i>		1					1	1,28
<i>Idoliforme (?)</i>		2					2	2,56
<i>Círculo pleno</i>		1					1	1,28
<i>Coroa circular</i>		2					2	2,56
<i>Círculo</i>			3	8			11	14,10
<i>Oval</i>			1	2			3	3,85
<i>Círculo com covinha central</i>			2	2			4	5,13
<i>Círculo concêntrico</i>			2	2			4	5,13
<i>Ziguezague</i>			4				4	5,13
<i>Espiral</i>				1			1	1,28
<i>Mancha</i>						2	2	2,56
<i>Linha</i>					1		1	1,28
<i>Covinha</i>					35		35	44,87
<i>Linha curva</i>					3		3	3,85
<i>Total</i>	2	6	12	16	40	2	78	99,99
<i>%</i>	2,56	7,70	15,38	20,51	51,28	2,56	99,99	

A forma mais comum nas gravuras registadas é a covinha, embora estas ofereçam dimensões diferentes, desde as constituídas por pequenos aglomerados de negativos, com pouca profundidade, às com maior diâmetro e reconhecida profundidade. Elas totalizaram cerca de 45% das imagens patentes na face exposta da estela-menir e correspondem à fase final de produção iconográfica identificada naquela, quando já se encontrava por terra.

No cromeleque dos Almendres as covinhas somam quase 60% da iconografia registada nos seus menires, excluindo as sete estátuas-menires antropomórficas, onde também se detectaram alguns daqueles elementos (Gomes, 2003, p. 339).

As covinhas constituem, sem dúvida, os motivos mais recorrentes na arte megalítica do Alto Alentejo, onde são bem conhecidas em muitos outros menires, mas também na arte rupestre (Gomes, 2004, p. 108, 109). Elas encontram-se, ainda, em muitos monumentos megalíticos da fachada atlântica da Europa (Burgess, 1990).

Não raro, e tal como acontece na estela-menir da Herdade do Barrocal, as covinhas surgem organizadas em pares, tendo-se nela reconhecido nove de tais associações, talvez figurando olhos ou assumindo simbologia de carácter sexual (Fig. 10). De facto, registámos pares de covinhas nos

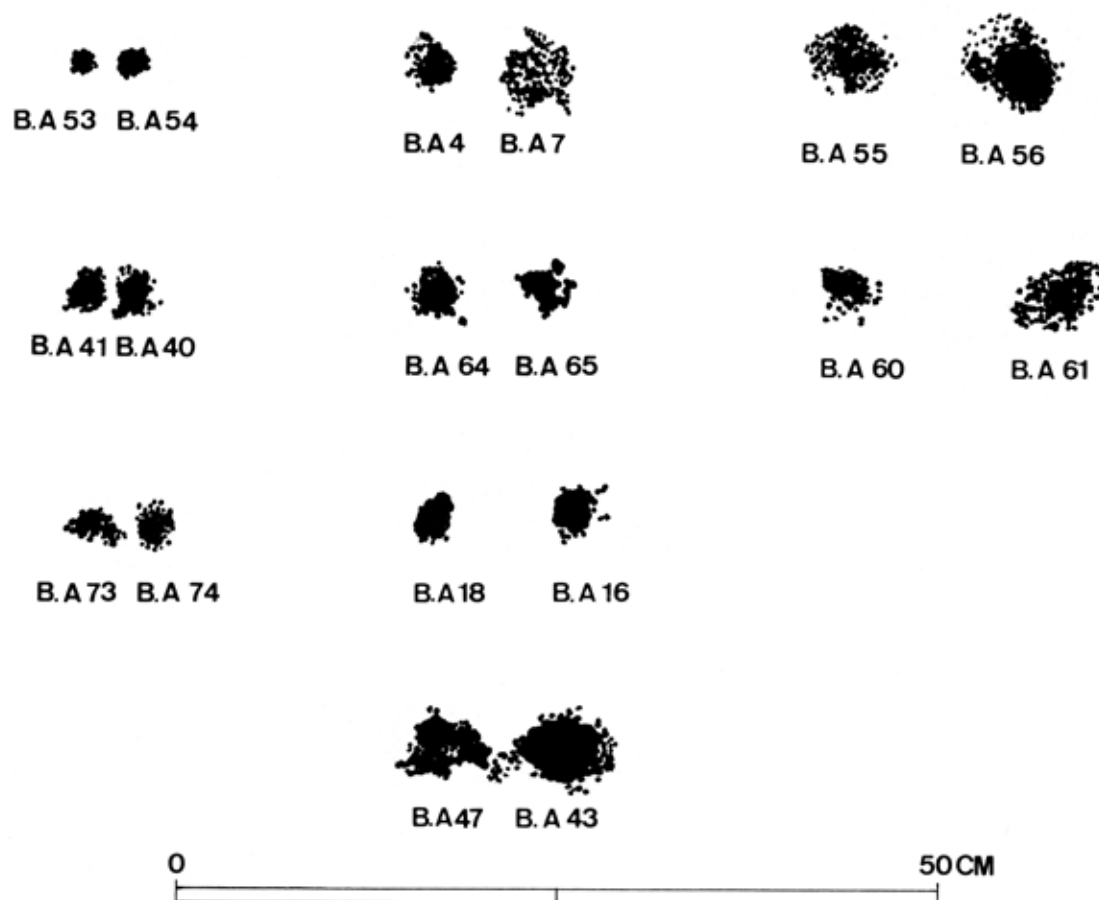


Fig. 10 Pares de covinhas da face A da estela-menir da Herdade do Barrocal (seg. M. V. Gomes).

menires 2, 3, 13, 64, 90 e 94 do cromeleque dos Almendres ou nos menires 1 e 18 do cromeleque do Xarez (Gomes, 2002, p. 150, 153, 2003, p. 385, 386).

Os centros das covinhas do monólito do Barrocal encontram-se afastados em três pares, 0,03 m, em dois 0,07 m e em dois outros 0,09 m, enquanto em um par se mediu 0,11 m e em um outro 0,15 m. Será que estaremos perante algum tipo de registo métrico?

Os círculos em contorno, ou simples, atingiram cerca de 14% do total das imagens registadas, mas aos quais devemos associar um círculo preenchido ou pleno, as coroas circulares e as ovais, que podem resultar de círculos deficientemente construídos. As imagens referidas, sobem a quase 22% do total e cremos que, se considerarmos algumas exceções, foram gravadas quando a estela-menir jazia na posição em que a encontrámos.

No cromeleque dos Almendres as figurações afins das mencionadas, alcançaram cerca de 12%, não contando com a iconografia patente nas estátuas-menires (Gomes, 2003, p. 339).

Os círculos constituem os ideogramas mais recorrentes da arte do Vale do Tejo, onde surgem a partir do período Meridional, atribuído ao Neolítico Final e sobretudo ao Calcolítico, aumentando a sua presença durante os períodos Atlântico e dos Círculos e Linhas, ou seja, durante toda a Idade do Bronze e alcançando a Idade do Bronze Final.

Os círculos simples são ainda bem conhecidos na arte rupestre da Beira Alta (Alagoa, Tondela) e do Minho (Laje das Fogaças, Lanhelas), onde têm vindo a ser atribuídos à Idade do Bronze e à Idade do Bronze Final.

Eles são, também, os motivos mais comuns da iconografia encontrada nos dólmenes irlandeses e britânicos, surgindo em cerca de 50% daqueles (Gomes, 2004, p. 98, 99).

Pares de círculos, ligados por linha, da estela-menir do Barrocal (figs. 3, 6 e 9), recordando elementos oculados, também ocorrem na arte do Vale do Tejo, tendo-se detectado três de tais associações na rocha 11 de Gardete (Gomes, 2004, p. 199, 120, fig. 30).

Os círculos com ponto ou covinha central e os círculos concêntricos, estão representados no monólito do Barrocal por quatro exemplares de cada (5,13%) (Fig. 11), o mesmo acontecendo com as linhas onduladas e os ziguezagues. As restantes figurações mostram presença discreta em relação às mencionadas, embora a sua importância simbólica possa ter sido significativa.

No cromeleque dos Almendres os círculos concêntricos totalizam 3,9 % da iconografia registada nos seus menires. Eles também surgem, com abundância, na arte do Vale do Tejo,

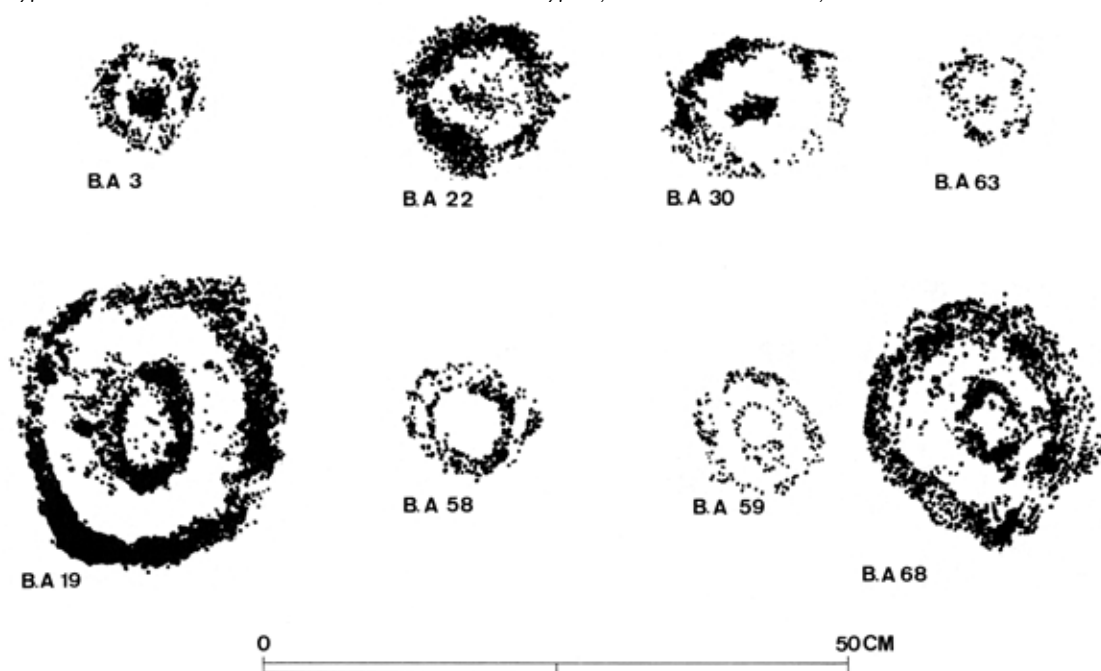


Fig. 11 Círculos com ponto ou covinha central e círculos concêntricos, da estela-menir da Herdade do Barrocal (seg. M. V. Gomes).

durante os períodos Atlântico e dos Círculos e Linhas (Idade do Bronze e Idade do Bronze Final), registando-se, com profusão, nas rochas 129 e 155 de Fratel (Gomes, 1983, p. 282, 283, 2004, p. 100).

Os círculos com ponto ou covinha central, os *dot-and-circle* ou *cup-and-ring-marks*, da terminologia anglo-saxónica, encontram-se representados na estela-menir do Monte da Ribeira e em menires dos cromeleques dos Almendres e Portela de Mogos, sendo frequentes na arte do Vale do Tejo, onde auferem larga diacronia, iniciada no período Meridional (Neolítico Final/Calcolítico), podendo alcançar o período dos Círculos e Linhas, ou seja, os inícios do I milénio a.C. (Gomes, 2004, p. 99, 100).

Julgamos interessante registar que a espiral do monumento da Herdade do Barrocal é a primeira identificada no megalitismo do Sul de Portugal. As espirais são frequentes na arte do Vale do Tejo, acompanhando círculos concêntricos, círculos com ponto central, meandros e serpentiformes, pertencendo aos períodos finais daquele complexo rupestre (Gomes, 2004, p. 107).



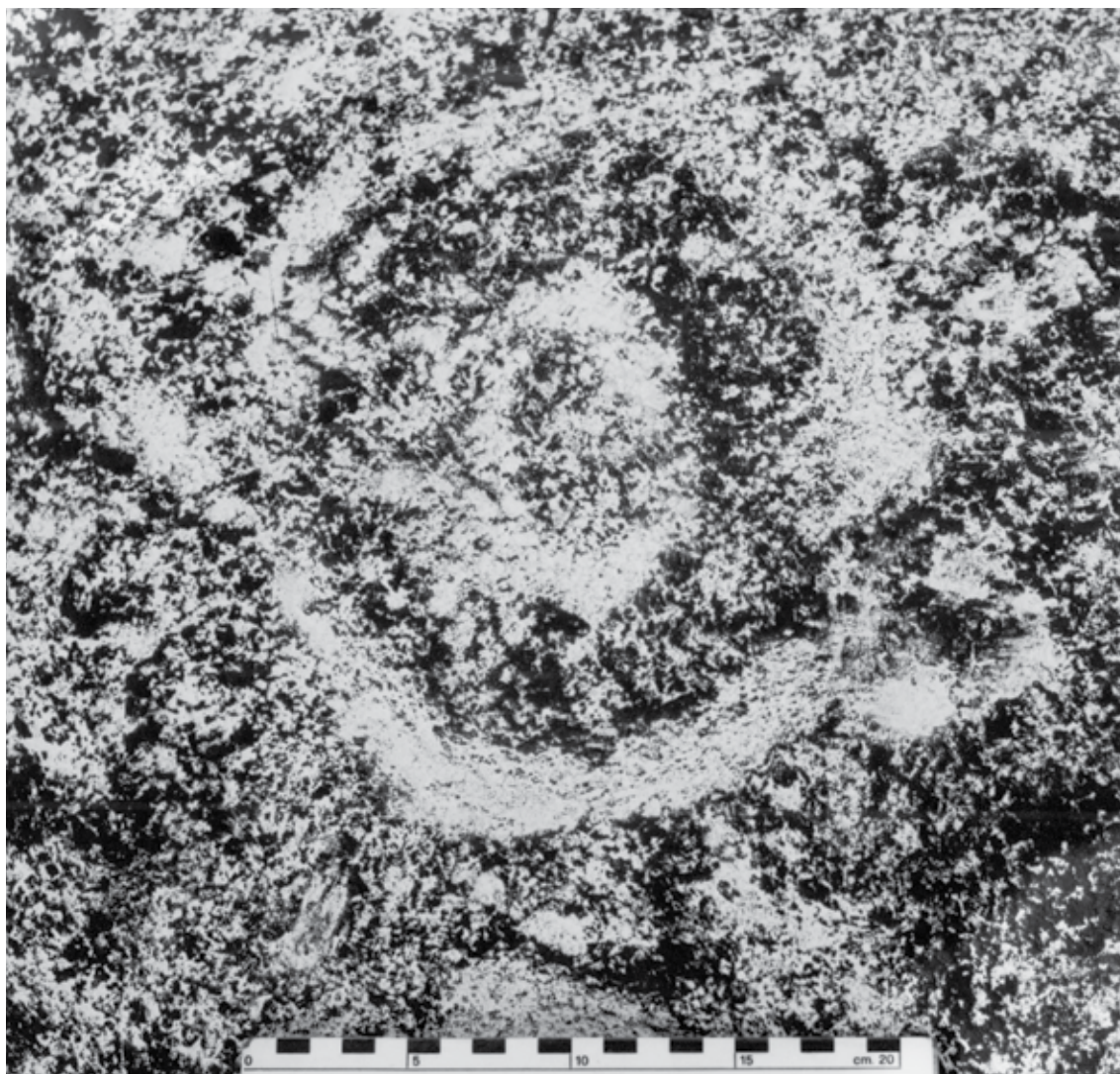


Fig. 12 Círculos concêntricos, sobrepondo círculos simples (foto M. V. Gomes, R XII/95-26).

Os dois possíveis serpentiformes da estela-menir do Barrocal não mostram a figuração da cabeça ou da cauda, nem outras características que permitam, com clareza, a sua atribuição como representações de ofídios e, apenas, as ondulações permitem aquela hipotética classificação. Imagens afins surgem na arte do Vale do Tejo a partir do período Meridional, associadas a figuras humanas, a círculos ou a espirais, atingindo o final daquele ciclo artístico (Gomes, 2004, p. 101-103). E é, ainda, na fase final da arte do Vale do Tejo que identificamos linhas, de diferentes dimensões, que unem figuras, nomeadamente círculos, conforme se observa na estela-menir do Barrocal (Gomes, 2004, p. 119).

As prováveis figurações idoliformes (Fig. 13) aproximam-se de imagens, com contorno trapezoidal, da arte rupestre do Vale do Tejo, algumas das quais oferecendo atributos antropomórficos, nomeadamente três da rocha 11 de Gardete (Gomes, 2004, p. 97, fig. 12). Tais imagens ocorrem na arte do Vale do Tejo a partir do Neolítico Médio e encontram-se representadas em monumentos megalíticos, designadamente na estela-menir da Caparrosa (Tondela) ou no dólmen pintado conhecido por Orca dos Juncas (Vila Nova de Paiva) (Gomes, 1993, p. 15, fig. 5).



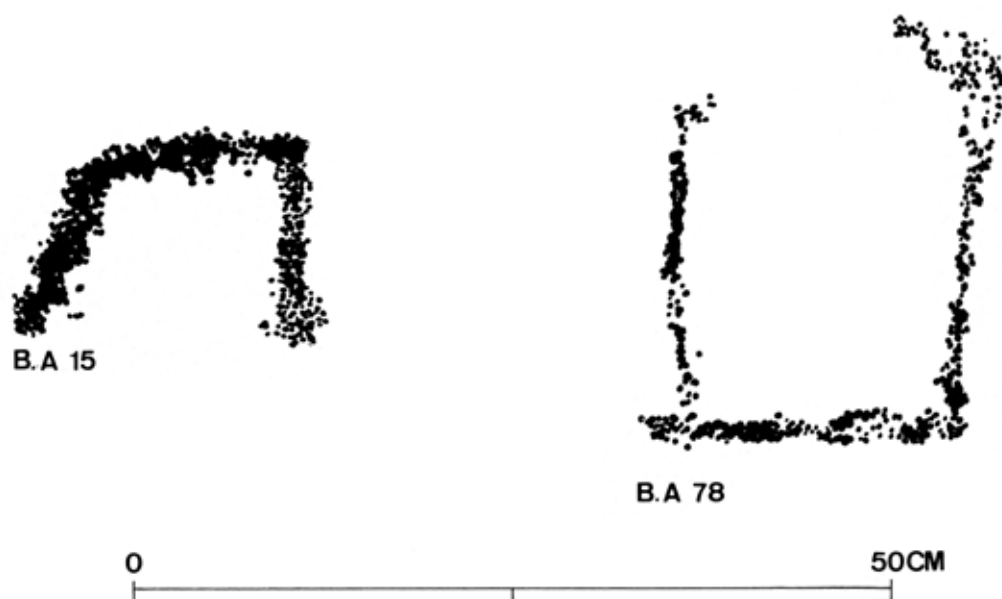


Fig. 13 Possíveis representações idoliformes, de estela-menir da Herdade do Barrocal (seg. M. V. Gomes).

Por fim, a representação de “báculo” é a única que, claramente, reproduz artefacto. A sua forma, incluindo-se no tipo 2 da nossa classificação, é a de bengala ou de cajado e não deve ser confundida com a dos “báculos” de xisto ardoso, de diferente morfologia e que integram as fases tardias do megalitismo do Sul de Portugal (Gomes, 2002, p. 142-146, 2004, p. 108). O exemplar da Herdade do Barrocal surge associado a coroa circular, tal como acontece com os seus congêneres figurados nos menires 31 e 37, respectivamente dos cromeleques da Portela de Mogos e do Xarez ou, ainda, na estela-menir da Herdade das Vidigueiras (Reguengos de Monsaraz (Gomes, 1997, 2002, p. 76, 77, 139, 2003, p. 353-378) (Fig. 14).

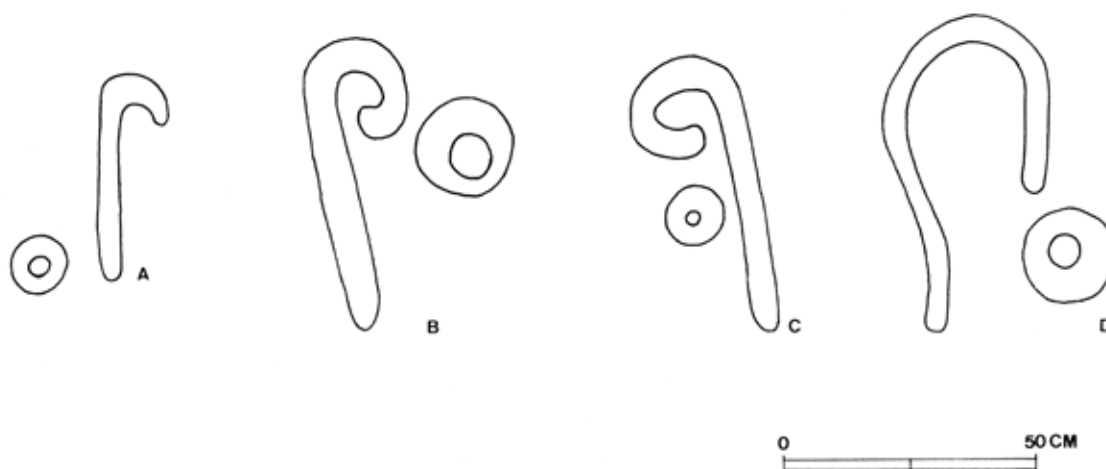


Fig. 14 “Báculos” e círculos solares (?). A, estela-menir da Herdade do Barrocal; B, menir 31 do cromeleque da Portela de Mogos; C, menir 37 do cromeleque do Xarez; D, estela-menir da Herdade das Vidigueiras (seg. M. V. Gomes).



Fig. 15 Evolução iconográfica de conjunto de gravuras da estela-menir da Herdade do Barrocal (figs. 36-41, 43, 45 e 47).

### 7.5. Estratigrafia vertical e horizontal

Bom número de sobreposições, que registámos na descrição iconográfica da estela-menir da Herdade do Barrocal, ajudam, decididamente, a evidenciar os seus principais momentos de gravação. É bem claro que numerosas covinhas sobrepõem figuras pré-existentes pelo que, desde logo, elas devem integrar o último período de gravação da face estudada do monólito. Também duas linhas curvas, largas e profundas, sobrepõem duas figuras anteriores, podendo, ainda, integrar o período de gravação referido.

Duas linhas onduladas, paralelas (figs. 1, 2), muito erodidas, foram sobrepostas por uma das linhas curvas atrás referidas (fig. 11) e por três covinhas (figs. 12, 13, 14).

Longo serpentiforme (fig. 10) cobre parte de possível idoliiforme (fig. 15) e é sobreposto por covinha (fig. 5), conjunto que evidencia três momentos de gravação distintos.

Dois círculos concêntricos (fig. 19), aprofundados aquando da gravação de duas linhas curvas (figs. 11, 26), sobrepõem pequeno círculo (fig. 21). Uma das linhas curvas referidas (fig. 26), é ulterior a círculo com ponto central, que em parte corta (fig. 30).

Outra importante sucessão estratigráfica mostra conjunto de três ziguezagues (figs. 36, 38, 48), sobrepostos por círculo (fig. 39) e por covinhas (figs. 37, 43), denunciando três etapas iconográficas distintas. Uma outra covinha (fig. 46) sobrepõe coroa circular (fig. 45) (Fig. 15).

Importa assinalar a estratigrafia horizontal ou associações julgadas mais significativas, como pares de linhas onduladas, o conjunto de ziguezagues ou o báculo e a coroa circular, mas também não esquecer os pares de covinhas, a que já atrás referimos, ou as ligações de figuras através de linhas, conforme acontece entre um dos círculos com covinha central (fig. 3) e o círculo simples (fig. 9), ou entre dois círculos concêntricos (fig. 68) e uma covinha (fig. 70).

### 7.6. Diacronia

A informação disponível permite considerarmos, não sem algumas dúvidas, cinco grandes períodos de produção iconográfica (cf. Quadro I). Assim, ao primeiro devem corresponder apenas as duas longas linhas onduladas, dispostas verticalmente, tal como encontramos outras semelhantes em menires do Alto Alentejo (Monte dos Almendres e Herdade das Vidigueiras) e, sobretudo, do Algarve (Pontais, Caramujeira, Areias das Almas, Padrão, Monte dos Amantes, etc...), podendo pertencer aos finais do Neolítico Antigo ou ao Neolítico Médio, quando o monólito foi erguido.

Ao Neolítico Médio Pleno pode ser atribuído o segundo grande período de gravação, onde integramos a representação de “báculo”, com longo cabo, a que se deve associar coroa circular e reflectindo composição que encontramos, conforme registámos, em outros monólitos do Alto Alentejo. A face B da estela-menir do Barrocal, que me foi dada a observar em Setembro de 2006, mostra pelo menos duas outras representações de “báculos”, uma delas de grandes proporções e em relevo, sendo comparáveis aos já citados “báculos” da estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz).

Podem pertencer ao período que temos vindo a referir as prováveis representações de idoliformes, com estreitos paralelos no segundo período de gravação do menir dos Pontais (Silves), onde também surgem imagens de “báculos”. Os idoliformes foram igualmente representados na estela-menir da Caparrosa (Tondela), fazendo parte da sua fase mais antiga de gravação (Gomes, 1993, p. 15, 16, 19).

Os idoliformes ou escutiformes, como alguns autores também denominam as mesmas figuras ou, ainda, os “box symbols”, na terminologia usada por O. G. S. Crawford (1957, p. 72, 73), podem figurar objectos com funções mágico-religiosas, construídos em pedra ou em materiais perecíveis, conforme têm sido encontrados em monumentos funerários megalíticos, da Bretanha e da Península Ibérica. Para outros arqueólogos tais imagens seriam representações sintéticas da divindade feminina que se acreditava capaz de proteger os antepassados, enquanto para outros seriam imagens desses ascendentes.

O terceiro período de gravação, que devemos atribuir ao Neolítico Final ou ao Calcolítico, foi dominado pelos ziguezagues, agrupados e formando larga banda oblíqua, a que se devem associar algumas figuras circulares, designadamente pequenos círculos com covinha central, gravados com picotados de pequenas dimensões. O paralelo com a decoração do menir 83 do cromeleque dos Almendres impõe-se, pela raridade de ambas decorações no contexto da arte megalítica, embora motivos idênticos se encontrem difundidos nas pinturas e gravuras rupestres, tal como na decoração de cerâmicas ou de outros artefactos.

Naquele monumento a decoração com denso conjunto de ziguezagues verticais está não só associada a círculos com covinha central, conforme também acontece no monólito da Herdade do Barrocal, como é claramente ulterior a representação de “báculo” (Gomes, 2003, p. 177, 178, Figs. 118, 119).

Devemos integrar no quarto período da produção iconográfica a maior parte dos círculos, alguns deles possuindo covinha central, os círculos concêntricos, a espiral, os dois serpentiformes e as linhas unindo figuras, constituindo “pacote” simbólico, produzido com o monólito derrubado, sendo não só atribuível às Idades do Bronze e do Bronze Final, como possuindo estreitos paralelos na arte rupestre ao ar livre, nomeadamente nos períodos terminais da arte do Vale do Tejo.

O quinto e último período de gravação deve quase circunscrever-se à produção de covinhas, por certo com significado múltiplo, mas sobrepondo-se propositadamente a figuras pré-existentes, como que tentando assinalar ou, de algum modo, “apossar-se” de tais pré-existências. A sua associação em pares pode, de facto, ligar-se a práticas sócio-religiosas conotadas com a fecundidade, como acontece em muitas “rochas da fertilidade” chegadas até aos nossos dias, na Europa e em outros continentes, ilustrando continuidades milenares.

## 8. Conclusões

A alta estela-menir da Herdade do Barrocal, quis-se bem visível quando foi erguida, talvez nos finais do Neolítico Antigo, algures na primeira metade do V milénio a.C., quando o sistema econó-

mico agro-pastoril se consolidou e surgiram as primeiras aldeias organizadas, no Sul de Portugal. Implantada em local dominante, é possível que constituísse, com o menir de Santa Margarida, erguido a 2 km de distância, alinhamento solsticial, indicando a direcção do pôr-do-sol no Verão, quando da sua amplitude máxima. É provável que também definisse linha equinocial, com os menires do Limpo, situados a cerca de 1,5 km para nascente, ou com o relevo onde se instalou a povoação de Monsaraz (Fig. 2).

A importância daquele verdadeiro monumento, ordenador do espaço, em termos físicos e psicológicos, conduziu a que fosse, mais tarde, incluído em recinto, embora tenha sido derrubado durante o Calcolítico (III milénio), conforme denunciam gravuras executadas na face então exposta e também aconteceu a outros monólitos seus contemporâneos. Todavia, apesar de tombado sobre o solo, não perdeu a antiga sacralidade, continuando, talvez como espécie de altar, a integrar actividades sócio-religiosas e constituindo o suporte imagético de tais comportamentos ritualizados durante milénios, ou seja, atravessando a metade final da Pré-História Recente.

Julgamos interessante registar que a produção de gravuras sobre grandes estelas-menires derrubadas, como a da Herdade do Barrocal, do Monte da Ribeira ou de Vale-de-Rodrigo, termina quando igualmente chega o ocaso da arte do Vale do Tejo, ou seja nos alvares da Proto-História, no momento em que se fizeram sentir, no Sul de Portugal, a presença das primeiras sociedades proto-estatais.

## NOTAS

\* Membro da Academia Portuguesa da História e da Academia Nacional de Belas-Artes. Docente do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL. Av. de Berna, 26-C - 1069-061 Lisboa.

<sup>1</sup> Escavação efectuada sob a direcção de M. Calado, no Verão de 2006, na área que se encontrava sob o monólito, revelou parte da coroa lítica e da fossa da sua estrutura de sustentação.

## BIBLIOGRAFIA

- BURGESS, C. (1987) - Fieldwork in Évora District, Alentejo, Portugal, 1986-1988: a preliminary report. *Northern Archaeology*. Newcastle upon Tyne. 8, p. 35-105.
- BURGESS, C. (1990) - The chronology of cup-and-ring marks in Atlantic Europe. *Revue Archéologique de l'Ouest*. Rennes. sup. 2, p. 157-171.
- CRAWFORD, O. J. S. (1957) - *The Eye Goddess*. London: Phoenix House Ltd.
- GOMES, M. V. (1983) - Arte esquemática do Vale do Tejo. *Zephyrus*. Salamanca. 36, p. 277-285.
- GOMES, M. V. (1993) - O Marco de Anta ou a estela-menir da Caparrosa (Tondela-Viseu). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 1, p. 7-27.
- GOMES, M. V. (1994) - Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português: trabalhos recentes e estado da questão. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 2, p. 317-342.
- GOMES, M. V. (1997) - O menir da Herdade das Vidigueiras (Reguengos de Monsaraz, Évora): resultados dos trabalhos efectuados em 1988. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*. Reguengos de Monsaraz. 1, p. 17-37.
- GOMES, M. V. (2002) - *Cromeleque do Xarez: a ordenação do caos*. Monsaraz: Fundação Convento da Orada.
- GOMES, M. V. (2003) - *Cromeleque dos Almendres: um monumento sócio-religioso neolítico*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- GOMES, M. V. (2004) - A rocha 11 de Gardete (Vila Velha de Ródão) e os períodos terminais da arte rupestre do Vale do Tejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 61-128.
- GONÇALVES, V. dos S.; BALBÍN-BEHRMANN, R.; BUENO-RAMÍREZ, P. (1997) - A estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz, Alentejo, Portugal). *Brigantium*. La Coruña. 10, p. 235-254.
- PERDIGÃO, J. C.; ASSUNÇÃO, C. T. (1971) - *Carta Geológica de Portugal na Escala 1/50.000. Notícia explicativa da Folha 41-A. Monsaraz*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

